
O IDEÁRIO BOLIVARIANO COMO CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO DISCURSO DE HUGO CHÁVEZ

Alexandre Neves Sapper¹

Resumo: O processo de (re) democratização latino-americano, após longos anos de contravenções políticas e golpes de Estado, parece estar consolidado na maioria dos países deste continente. E é exatamente nessa órbita de afirmação popular e união de demandas populares insatisfeitas que se oportuniza o surgimento de líderes populistas. Os objetos e discursos construídos pelo presidente venezuelano Hugo Rafael Chávez Frias ainda não apresentaram uma total clareza de objetivos e programas para a (re) construção venezuelana. A intitulação dada pelo jornalista Gilberto Maringoni em seu livro relata enfaticamente a questão, onde a respectiva obra é nomeada “A Venezuela que se inventa”, deixando claros a incerteza e o fato de que a Venezuela –por ser um modelo *sui generis* de política democrática- é uma incógnita política com relação aos seus projetos futuros.

Palavras-chave: Ideologia; política; discurso

1. Introdução

Os objetos e discursos construídos pelo presidente venezuelano Hugo Chávez Frias ainda não apresentaram uma total clareza de objetivos e programas para a (re)construção venezuelana. A intitulação dada pelo jornalista Gilberto Maringoni em seu livro relata enfaticamente a questão, onde a respectiva obra é nomeada “A Venezuela que se inventa”, deixando claros a incerteza e o fato de que a Venezuela –por ser um modelo *sui generis* de política democrática- é uma incógnita política com relação aos seus projetos futuros.

Na ausência de pressupostos para uma governabilidade estável, visto que o país caribenho vinha costumeiramente sendo governado por oligarcas comprometidos com fatores externos aos

¹ Bacharel em Direito pela UCPel e membro do NIDHUS nesta Instituição. Acadêmico de Filosofia e mestrando em Ciências Sociais na UFPel.

interesses da própria Venezuela, o que ocasionava uma notável instabilidade popular com relação aos seus representantes e uma “carência” na identificação do presidente – o que sem dúvida levou a uma tentativa de golpe de Estado, liderado pelo próprio Chávez em 1992, contra a ordem vigente à época.

Assim, uma das mais lúcidas ações de Hugo Chávez -no agir discursivo para propaganda de governo- foi trazer à tona um mito ao qual a população pudesse se identificar e iniciar um processo de identidade, cultura e auto-estima popular nunca vista antes na Venezuela. E dentre tantos citados pelo presidente, os exemplos mais enfáticos são: Mão Tse Tung, Fidel Castro (esse notório) e Pablo Neruda. Mas nenhum outro é tão citado, apontado e cultuado como Simon Bolívar. Sendo este positivamente lembrado por, além de ser Venezuelano, intentar um projeto de integração e desprendimento com as amarras espanholas da época.

Dentro do contexto de (re) estruturação da identidade popular venezuelana, Hugo Chávez passou a proporcionar uma mistura ideológica vital para a Venezuela, que se chama *bolivarianismo*, que se apresenta como o principal ideário ideológico do presidente para a construção do mito venezuelano que viveu nos séculos XVIII e XIX. Dentro do “coquetel” ideológico proposto por Chávez está a “libertação” da Venezuela frente às potências imperialistas (ou “a” potência imperialista) e o plano de investimento e estrutura -resultantes dos lucros obtidos com o petróleo- voltado para o povo.

Nessa medida torna clara a afirmativa da criação proposital do povo mediante radical projeto vinculado às massas. Neste ínterim, o presente artigo foi elaborado com o escopo de colocar a justificativa da criação de povo e a criação do ideário para garantir e dar sustentabilidade ao referencial “mitológico” que é dado pelo presidente da Venezuela, assim como a(s) ideologia(s) utilizada por Hugo Chávez em contraposição as contribuições clássicas dos autores pertinentes. Intrincado na justificação do ressurgimento do populista concomitantemente com o seu referencial histórico, foi também proposto um capítulo intitulado “a importância do ideário na criação do povo: o populismo consciente?”. Neste capítulo, é levantada a questão proposta simultaneamente com a contribuição de Ernesto Laclau para o tema específico, onde este trata de elencar os porquês da criação populista e como se dão no âmbito fático.

2. Breve Apontamento Histórico do “Mito” Simon Bolívar

A análise do que o historiador venezuelano Gérman Carreras Damas nomeou categoricamente de “*culto a Bolívar*” (CARRERAS DAMAS, 1969, p. 291) prossegue com uma síntese de sua construção “mitológica”.

Simon Bolívar é a principal personalidade venezuelana e estrategista capital na luta contra o domínio espanhol no continente latino-americano. Filho de grandes proprietários de terras e órfão de pai aos dois anos de idade e de mãe aos 9, o jovem Bolívar teria uma vida de dissipações. Pois antes de completar 20 anos, empreendeu duas longas viagens à Europa, percorrendo Espanha, França e Itália, onde teve contato com o mundo intelectual e político de sua época. Assim, teve a oportunidade de assistir a coroação de Napoleão, conhecer Alexander Von Humboldt e discutir as idéias de Rousseau e Voltaire.

Após retornar à sua terra natal, no ano de 1807, Simon Bolívar passa a analisar o seu país sob uma outra perspectiva. Refinado, culto e viajado, o jovem oriundo da oligarquia passa a conduzir a independência da Venezuela, sendo eleito presidente do país aos 37 anos de idade, e liderar a guerra da libertação, que resultou na fundação de outros quatro países, quais sejam: Nova Granada (Colômbia), Peru, e Bolívia. Território esse 4 vezes maior que as 13 colônias inglesas daquela época.

Com influencia notória pelos ares franceses revolucionários, Bolívar não se demonstrava somente como anticolonialista extremado, mas também como revolucionário de largo fôlego. Republicano e abolicionista, mostrou o porquê de Luis Vasquez Quiros² intitulá-lo o “*caballero andante de la libertat*”³, sendo o responsável pela iniciativa de extinção da escravidão na Venezuela, em 1816. Foi um intelectual notório de seu tempo, deixando inúmeros trabalhos que se constituem em artigos, cartas e discursos, além de ter fundado jornais e manifesto-quase que pioneiramente-preocupações com a preservação da natureza.

Foi um intelectual pragmático e, como lembra Carreras Dantas, “deve ser interpretado, sobretudo, por seus atos”. A admiração que Simon Bolívar despertou em seu tempo e após sua

² Parte da intitulação da obra do referido autor, que na íntegra se apresenta como “*Siguiendo las huellas de Simon Bolívar, caballero andante de la libertat*” publicado na Universidad de Carabobo em 1972.

³ O termo “*libertat*” aqui citado possui caráter estrito com relação à abolição da escravatura na Venezuela, em 1816, e, assim, não tem nenhuma a pretensão de negligenciar o referido termo com a exploração espanhola vigente na época.

morte não foi fruto somente de seus contundentes discursos. As campanhas que liderou repercutiram concretamente na vida de todos. Em 1813 foi aclamado Libertador pelo Conselho de Caracas, após a vitória no conflito de Nova Granada. Sua habilidade extrema de unir caudilhos regionais, interesses díspares numa região tremendamente instável, fez dele um mito latino-americano, e (agora) mais venezuelano do que nunca.

3. A Síntese do Surgimento da Ideologia no Campo Filosófico e seu Pragmatismo como eficácia na Transformação Social

A *Ideologia* constitui a corrente filosófica que marca a transição do empirismo iluminista para o espiritualismo tradicionalista, florescendo na primeira metade do séc. XIX.

O respectivo termo teve um sentido depreciativo para Napoleão, sendo aplicado por este aos seus críticos, identificando-os como “sectários ou dogmáticos”, que significavam para o imperador “pessoas que carecem de senso político e, em geral, sem contato com a realidade (PICAVET, 1891)”.

A seguir começa a história do significado moderno deste termo, não mais empregado para indicar qualquer espécie de análise filosófica, mas uma doutrina mais ou menos destituída de validade objetiva, porém mantida pelos interesses claros ou ocultos daqueles que a utilizam⁴.

Neste sentido, no mesmo século XIX, a noção de *Ideologia* passou a ser fundamental no marxismo, sendo um dos seus maiores instrumentos na luta contra a chamada cultura burguesa. Marx de fato afirmava que as crenças religiosas, filosóficas, políticas e morais dependiam das relações de produção e de trabalho, na forma como estas se constituem em cada fase da história econômica. Essa foi a tese que posteriormente passou a ser chamada de *Materialismo Histórico*⁵.

⁴ É amplamente utilizada pelos titulares do discurso político e seus estudiosos. Althusser levanta a questão do referido termo para ilustrar a questão da superestrutura nos seus *Aparelhos Ideológicos do Estado*, onde a ideologia é o centro da questão governamental.

⁵ Com esse nome, Engels designou a interpretação histórica proposta por Marx, mais precisamente o que consiste em atribuir aos fatores econômicos peso preponderante na determinação dos acontecimentos históricos. O pressuposto desta teoria é o ponto de vista antropológico defendido por Marx, segundo o qual a personalidade humana é constituída intrinsecamente por relações de trabalho e de produção de que o homem participa para prover as suas necessidades. A consciência do homem é resultado dessas relações, e não do

Hoje, por *Ideologia* entende-se o conjunto dessas crenças, porquanto só têm a validade de expressar certa das relações econômicas e, portanto, de servir à defesa dos interesses que prevalecem em cada fase desta relação.

Em geral, portanto, pode-se denominar *Ideologia* toda a crença usada para o controle dos comportamentos coletivos, entendendo-se o termo *crença*, em significado mais amplo, como noção de compromisso da conduta, que pode ter ou não validade objetiva. Entendido nesse sentido, o respectivo conceito é puramente formal, uma vez que pode ser vista como *Ideologia* tanto uma crença fundada em elementos objetivos quanto uma crença realizável quanto um crença irrealizável. O que transforma uma crença em *Ideologia* não é a sua validade, mas unicamente sua capacidade de controlar os comportamentos em determinada situação.

É lícito apresentar a *Ideologia*, então, como forma de dominação, cabendo apresenta-la como a utilização *ad hoc* do sistema de significações e valores para justificar ou legitimar a existência de uma situação social nem livre nem emancipada, assim, de opressão por parte da classe dominante de uma dada sociedade.

A compreensão de que a crítica ideológica é um momento importante da luta para mudar uma sociedade e instaurar outra deve ser amplamente fixada. Pertence à crítica ideológica a tarefa de desvendar a relação dialética existente entre teoria e práxis, desenvolvendo uma teoria crítica que seja algo distinto de mero reflexo daquilo que se produz na prática.

A tarefa, ou o trabalho “desideologizador”, será como apontaram brilhantemente Adorno e Horkheimer (ADORNO T., HORKHEIMER M. 1966) , um pensamento fundamentalmente crítico. Uma crítica ideológica que pode superar o fato de ser ela própria outra edição ideológica, deve apresentar, além de verbalizações e afirmações, uma realização histórica. Dito em termos marxistas, a práxis é o lugar onde prova e se comprova a veracidade e a objetividade de toda crítica ideológica.

A crítica ideológica como mostrou a Escola de Frankfurt, não se efetua da neutralidade, do desinteresse ou de pretensa visão objetiva da realidade social, mas sim do interesse emancipador, sem parâmetros éticos, filosóficos ou religiosos rígidos e com grande atenção aos deslocamentos que possa experimentar a

seu pressuposto. Essa teoria foi defendida por Marx, sobretudo, na obra intitulada *Ideologia Alemã*, 1845-46.

realidade social e suas estruturas. Daí que se apresente frequentemente como crítica negativa “*pode-se dizer aquilo que é mau na sociedade atual, mas não pode dizer aquilo que será bom, mas unicamente trabalhar para que o mal desapareça*” (Ibidem, p. 35).

Por esta razão, terá a função de “*expressar aquilo que em geral não se expressa*” (Ibidem), adotando frequentemente a forma de luta cultural em prol de uma sociedade mais humana, justa, livre e racional.

3.1 A Contribuição de Allan G. Johnson para a Ideologia⁶

Na visão do autor, a ideologia é um conglomerado de crenças, valores e atitudes culturais que servem de base e, por isso, justificam até certo ponto e tornam legítimos o *status quo* ou movimentos para muda-los.

Em uma visão marxista, a maioria das ideologias reflete os interesses de grupos dominantes, como maneira de perpetuar sua dominação e privilégios. Este fato é especialmente verdadeiro no caso de sistemas opressivos, que requerem justificção detalhada para que continuem a existir. O “racismo branco”, por exemplo, inclui idéias sobre diferenças raciais que são usadas para convalidar e defender privilégios dos brancos. Existem ideologias similares em apoio à opressão por motivo de sexo, classe, etnia, religião e orientação política.

Em uma visão mais geral, a cultura de todos os sistemas sociais inclui uma ideologia que serve para explicar e justificar sua existência com estilo de vida, seja uma ideologia com raízes na família, que define a natureza e a finalidade da vida familiar, ou uma ideologia religiosa que sirva de base e pregue um sistema de vida em relação a forças divinas, sagradas.

A ideologia pode servir, conforme Jonhson, como base para movimentos em prol de mudanças sociais. Como, por exemplo, do movimento verde de preservação ambiental ao feminismo radical, movimentos sociais dependem de conjuntos de idéias que explicam e justificam seus objetivos e métodos.

⁶ O termo “ideologia” foi extraído do Dicionário de Sociologia do autor indicado no subtítulo do presente artigo.

4. A Importância do Ideário na criação do Povo: O Populismo Consciente?

Na formação discursiva de Hugo Chávez no que tange a influência de Bolívar em seus anseios é possível afirmar a direção universal de seus pronunciamentos, no que tange a tentativa de afirmação homogênea do povo venezuelano. Pois, mesmo os opositoristas de Chávez, apesar de se manterem no *status* de “ser contra Chávez”, implícitamente aceitam os ideais do líder histórico convertido na pessoa do atual presidente da Venezuela. Assim, nasce uma totalidade dentro do povo, como o próprio conceito de “populismo” demonstra:

el populismo por si mismo tiende a negar cualquier identificación con, o clasificación dentro de, la dicotomía izquierda/derecha. Es un movimiento multclasista, aunque no todos los movimientos multclasistas pueden considerarse populista. El populismo probablemente desafie cualquier definición exhaustiva. Dejando de lado este problema por el momento, el populismo generalmente incluye componentes opuestos, como ser el reclamo por la igualdad de derechos políticos y la participación universal de la gente común, pero unido a cierta forma de autoritarismo a menudo bajo un liderazgo carismático. También incluye demandas socialistas (o al menos la demanda de justicia social), una defensa vigorosa de la pequeña propiedad, fuertes componentes nacionalistas, y la negación de la importancia de la clase. Esto va acompañado de la afirmación de los derechos de la gente común como enfrentados a los grupos de interés privilegiado, generalmente considerados contrarios al pueblo y a la nación. Cualquiera de estos elementos puede acentuarse según las condiciones sociales y culturales, pero están todos presentes en la mayoría de los movimientos populistas”. (LACLAU, 2005, P. 15 E 16 *apud* GERMANI, 1978, p. 88)

Conforme a citação supramencionada, é possível adequar precisamente o governo Chávez e suas mutações no conceito de populismo proposto por Germani, onde claramente são encontrados os lados antagônicos, ou seja, os pólos “positivo” e “negativo” necessários para formar o conceito de hegemonia proposto por Ernesto Laclau. Dentre as colocações pertinentes à Chávez estão as referentes ao autoritarismo liderado por um líder carismático. Situação que, com exceção do termo “autoritarismo”, relaciona-se perfeitamente no contexto governamental da Venezuela.

Ainda na conceituação do populismo, Ernesto Laclau colabora brilhantemente dizendo: “..por populismo no entendemos um tipo de movimiento – identificable com una base social especial o com una determinada orientación ideológica- sino una lógica política (LACLAU, 2005, p. 150)”.

No sentido proposto pelo festejado autor e, também, no que este sucinto texto do determinado capítulo tenta propor é “qual é a lógica política de Chávez?”. Pois em uma proposição lógica normativa aristotélica, onde “algo implica em alguma coisa”, então se pode afirmar – pela “proposição lógica colocada pro Laclau” – que o populismo é inerente ao governo e ao governante. Pois a ética maquiavélica onde se propõe chegar e permanecer no poder – e não se pode negar tal argumento após a proposta de aumentar o tempo de mandato e institucionalizar as re-eleições “eternas”- e é notavelmente esta ética, ou esse compromisso, que norteia o governo Chávez: permanecer.

Ainda na “lógica política”, Laclau coloca a seguinte contribuição:

Todos los intentos por encontrar lo que es específico em el populismo em hechos como la pertenencia al campesinato o a los pequeños propietarios, o la resistencia a la modernización económica, o la manipulación por elites marginadas, son, como hemos visto, esencialmente errôneos: siempre van a ser superados por una avalancha de excepciones. Sin embargo, ¿qué entendemos por “lógica política”? Como hemos afirmado em outra parte, entendemos lãs lógicas sociales como involucrado um sistema enrarecido de enunciaciones, es decir, um sistema de reglas que trazan um horizonte dentro do cual algunos objetos son representables mientras que otros están excluidos. Así, podemos hablar de la lógica del parentesco, del mercado, incluso del ajedrez. No obstante, la lógica política tiene algo específico que es importante destacar. Mientras que lãs lógicas sociales se fundam em el seguimiento de reglas, lãs lógicas políticas están relacionadas com la institución de lo social. Sin embargo, tal institución, como ya sabemos, no constituye um *fiat* arbitrário, sino que surge de lãs demandas sociales y es, em tal sentido, inherente a cualquier proceso de cambio social.(Ibidem)

5. Conclusão

Na citação anterior, assim como nas obras de Ernesto Laclau – principalmente a *La razón populista* – este deixa

transparecer a precariedade das demandas com relação as suas formações, mas também diz respeito a causalidade da formação hegemônica do discurso. No presente artigo, o conceito de hegemonia em Laclau não se tornaria pertinente, visto que o objeto diz respeito ao povo e seu ideário de representação, mas em sua concepção, a hegemonia se assemelha com o conceito de populismo no que tange a sua formação. Ou seja, soma ocasional de demandas insatisfeitas, seja em pólo “negativo” ou “positivo”, que terminam por formar uma demanda única, composta de suas fragilidades e antagonismos, mas somente assim se torna hegemônica.

No processo do populismo de Laclau, as demandas sócias também encontram papel fundamental na criação do populista, onde este deveria surgir como um “terceiro desinteressado” da sua formação. Ocorre que tal situação não prospera, com o aporte teórico de E.L., no discurso político chavista no que diz respeito a sua criação desinteressada, pois é inconsistente afirmar a “ingenuidade” discursiva de um presidente que volta boa porcentagem de seu PIB para uma agenda voltada para o povo, onde sempre em suas ações se encontram fragmentos de ações, aparições e conselhos do próprio Simon Bolívar. Como é possível negligenciar o re-surgimento do principal ícone histórico de um povo sem referência até 1999?

É possível que Chávez tenha negligenciado, ou até mesmo não recorda, de uma das últimas colocações feitas em vida por Bolívar, onde este afirmava enfaticamente: “nunca seremos afortunados!”. Em uma menção as inúmeras tentativas -sem sucesso- de integração ocorridas na américa-latina no século XIX. Ou pode ser que o presidente venezuelano esteja tentando reverter o cenário político da Venezuela (por enquanto somente a Venezuela..) a partir da última referência que se pode obter do Herói caribenho.

Abstract: The process of (re) democracy Latin American, after long years of coups and political contraventions of State, seems to be consolidated in most countries of this continent. And it is exactly this statement orbit of popular and union of popular demands that were dissatisfied oportunized the emergence of populist leaders. The objects and speeches made by Venezuelan President Hugo Rafael Chavez Frias has not yet submitted a total clarity of objectives and programs for the (re) build Venezuelan. The intitulation given by journalist Gilberto Maringoni in his book reports strongly the issue, where the work is named "The Venezuela which invents", leaving clear the uncertainty and

the fact that Venezuela-to be a unique model of democratic politics - is a political unknown with regard to their future projects.

Key-words: Ideological; policy; Speech

6. Referencial Teórico

ADORNO T., HORKHEIMER M. **Ideologia, em la sociologia.** *Lecciones de sociologia.* Proteo. Buenos Aires: 1966.

DAMAS, Gérman Carreras Damas. *El culto a Bolívar: esbozo para um estúdio de la historia de lãs ideas em Venezuela.* Caracas, Instituto de Antropologia e Historia da Universidade Central de Venezuela, 1969.

LACLAU, Ernesto. A política e os limites da modernidade. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org). *Pós-modernismo e política.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco,2001.

_____. *Emancipación y diferencia.* Buenos Aires: Ariel. 1996.

_____. *La razón populista.* Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MARX, ENGELS. *A ideologia alemã.* Ed. UNB. Brasília: 1987.

PICAVET. *Les ideologie.* Paris, 1891.